

HETEROGENEIDADE DISCURSIVA: MODOS DA PRESENÇA DO OUTRO

Carla da Silva Lima

A relação entre a língua e o que é considerado como seu “exterior” é uma dos pontos que tem suscitado inúmeras discussões nos estudos sobre a linguagem. Analisada por diferentes correntes teóricas da Lingüística, a questão vem recebendo tratamento variado em diversas disciplinas, dentre as quais destacamos a Análise do Discurso francesa formulada por Michel Pêcheux (doravante AD). Esboçaremos, sumariamente, o modo como esta questão é associada à temática da heterogeneidade no interior da AD, ilustrando com a análise de algumas marcas de heterogeneidade encontradas em dois textos.

A problemática da heterogeneidade sempre esteve presente no trabalho teórico de Pêcheux, cuja preocupação central, em todas as fases da Análise do Discurso, foi a definição do objeto da disciplina – o discurso. Mas, é a partir da década de 1980, particularmente a partir do que Michel Pêcheux definiu como terceira época ou AD-3, quando “o primado teórico do outro sobre o mesmo se acentua” (Pêcheux, 1983/1997 p.315), que o discurso é definitivamente colocado sob o signo da heterogeneidade, proposta tanto como categoria conceitual, quanto em relação à construção do corpus.

O diálogo com Authier-Revuz é um dos responsáveis pela reformulação, feita por Pêcheux, no modo como a relação língua-discurso vinha sendo tratada na teoria, e pela mudança na maneira de analisar a materialidade discursiva, cujas questões apontavam para o espaço de confrontação da Lingüística, da História e da Psicanálise. Em um de seus últimos textos, A análise do discurso: três épocas (1983/1997), Pêcheux faz uma revisão das fases por que passou a AD e afirma que, na terceira fase, são tematizadas as formas lingüístico-discursivas do “discurso de um outro, colocado em cena pelo sujeito, ou discurso

do sujeito se colocando em cena como um outro (...) mas também e sobretudo a insistência de um 'além' interdiscursivo" (PÊCHEUX, 1983/1997, p. 316-317). Inscrita no campo específico da Lingüística, Authier-Revuz analisa os processos enunciativos sob uma perspectiva que enfoca a presença do Outro/outro[2] na enunciação, tematizada a partir do reconhecimento da língua como sistema de diferenças e como espaço de equívoco. Associada à temática da heterogeneidade, cujo pressuposto atribui ao sujeito seu descentramento e ao Outro um papel primordial no discurso do Mesmo, a autora toma a heterogeneidade como fundante – a linguagem é heterogênea em sua constituição –, buscando, a partir de um procedimento, colocar em evidência as rupturas enunciativas no fio do discurso e apresentar os elementos decisivos para o surgimento de um discurso outro no discurso do mesmo.

Em Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), a problemática da heterogeneidade é formulada a partir da noção de heterogeneidades enunciativas, apresentadas como sendo de dois tipos: a constitutiva e a mostrada (sendo a última marcada ou não marcada), consideradas como processos distintos: o primeiro refere-se “aos processos reais de constituição dum discurso”; o segundo, aos “processos de representação, num discurso, de sua constituição” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.32). Nessa perspectiva de distinção, mas não separação entre as heterogeneidades constitutiva e mostrada, é que Authier-Revuz (idem, p. 26), toma os casos de heterogeneidade mostrada como “formas lingüísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso”. Ela ainda considera a existência de dois tipos de enunciados: aqueles que mostram a heterogeneidade, com marcas explícitas, e aqueles cujas marcas não são mostradas. Como exemplo de heterogeneidade mostrada e marcada, temos as glosas enunciativas, o discurso relatado (formas sintáticas do discurso direto e do discurso indireto), as aspas. Como exemplo de heterogeneidade mostrada, mas não marcada, temos a ironia, o discurso indireto livre, etc, que contam com o “outro dizer”, sem explicitá-lo, para produzir sentidos.

As referências recorrentes ao trabalho de Jacqueline Authier-Revuz nas pesquisas que discutem a presença do Outro/outro no discurso, contribuem para destacar a relevância e a consistência teórica de sua proposta, cujo mérito consiste, dentre outros, em trabalhar com um fato de linguagem que transforma

o espaço de compreensão do sujeito, considerado na relação da linguagem com sua exterioridade. A seguir, apresentaremos alguns textos que ilustram casos de aspas e de glosas enunciativas, cujo funcionamento, além de apontar para a relação de alteridade com o Outro/outro como constitutiva, revela, em alguma medida, um trabalho do sujeito que interfere no discurso outro a partir do posicionamento no qual se inscreve.

Aspas e a presença do Outro/outro no discurso

Selecionamos, abaixo, uma tira de Luís Fernando Veríssimo, da série intitulada “As Cobras”, reeditada toda segunda-feira no site da Revista Terra Magazine, na coluna “Cobras do Veríssimo”, disponível em <http://terramagazine.terra.com.br>

Cobras discutem o espírito natalino

Trata-se de um diálogo entre duas cobras que, na série em questão, sempre divagam sobre temas variados, como a imensidão do universo, a existência Deus e sua relação com o homem, dentre outros. Nessa tira, as cobras estão refletindo sobre o significado do Natal e uma delas utiliza a expressão eterno “agora” do infinito para questionar o chamado espírito natalino. O uso das aspas em “agora”, produz alguns efeitos, como: (1) realçar a contradição eterno/agora a fim de criticar, de forma bem humorada, os apelos ao consumismo que se acentuam em alguns períodos, como o Natal e outras datas, explorados comercialmente; (2) marcar a negociação do sujeito com o Outro, circunscrevendo a alteridade na forma de uma não-coincidência entre a palavra e a coisa – as aspas indicam que a palavra empregada não é a mais adequada para designar o que o enunciador pretende, pois pode não corresponder exatamente à realidade.

O curioso é que o estatuto do elemento entre aspas foi especificado por uma glosa empregada pelo interlocutor, e não pelo próprio enunciador. No último quadrinho, a glosa, representada por meio da expressão em outras palavras, sinaliza o tipo de “tradução” que o interlocutor faz das palavras do enunciador,

mostrando que ambos não enunciam do mesmo lugar discursivo. O funcionamento dessas formas de heterogeneidade representa, localmente, a distância existente entre os posicionamentos discursivos nos quais se inscrevem os co-enunciadores, o que configura uma não-coincidência interlocutiva, segundo Authier-Revuz.

A glosa produz o efeito de humor porque funciona como indício de que se trata de um diálogo entre um homem e uma mulher, provavelmente um casal, e apóia-se na idéia corrente de que existe uma intuição feminina, que no caso pode ser associada a uma certa perspicácia, que permitiria às mulheres perceberem quando um homem está inventando uma desculpa, mentindo, etc. A glosa desloca o sentido de “agora”, tal como produzido pelo enunciador (o homem), para um discurso outro – da crítica, reclamações, insatisfação das mulheres em relação ao comportamento masculino, revelando que há uma controvérsia, uma polêmica sustentando a relação entre os discursos. Os efeitos de sentido produzidos pelas marcas de heterogeneidade evocam estereótipos sociais, a partir dos quais são construídas as imagens de homem e mulher. A glosa marca no fio do discurso, a existência de uma controvérsia entre os co-enunciadores, mostrando que eles enunciam de posicionamentos distintos e divergentes e que, portanto, não compartilham os sentidos atribuídos ao elemento destacado pelas aspas.

A seguir, destacamos outro texto em que a polêmica parece estimular, favorecer o uso das aspas. Trata-se de uma reflexão sobre o aborto dos anencéfalos, feita por um pesquisador da área de Biotecnologia e Epigenética, publicada no jornal Folha de Londrina, em 10/09/2008, disponível em <http://www.bonde.com.br/folha>, do qual selecionamos alguns enunciados.

(...) Nos últimos dias temos visto a nossa volta uma grande polêmica: a questão do aborto dos anencéfalos. Diversos núcleos apresentam argumentos prós e contras, em uma discussão extremamente importante, pois se trata de tornar institucional a decisão sobre a continuidade ou não de um evento referente à vida. Considerando o parecer do ministro da Saúde, José Gomes Temporão, francamente favorável ao aborto, tenha o feto encéfalo ou não, causa-me preocupação alguns argumentos mencionados pelos grupos pró-aborto.

Vou abrir um parêntesis, para enfatizar o uso do termo "aborto", pois considero um eufemismo essa recente substituição por "antecipação programada do parto". Pois bem, os grupos pró-aborto enfatizam o sofrimento da gestante de um feto anencéfalo, alegando uma "agressão à dignidade da pessoa humana".

O comentário inicial explicita o lugar discursivo onde o enunciador do texto se inscreve e a partir do qual vai estabelecer a polêmica com o discurso outro. As aspas que aparecem em seguida sinalizam a negociação do sujeito com o seu Outro/outro, visto que delimitam o espaço de atuação dessa outra voz para produzir o efeito de que o restante do dizer pertence ao sujeito, o que garante a unidade aparente do discurso. Na seqüência, "aborto" aparece entre aspas para enfatizar a qual discurso essa palavra pertence – ao daqueles que se posicionam contra a morte dos anencéfalos – e, de certa forma, acentuar o sentido negativo que esta palavra assume nesse discurso, o qual contrasta com "antecipação programada do parto", atribuída ao posicionamento divergente.

A expressão "agressão à dignidade da pessoa humana" aparece entre aspas para indicar que se trata de uma citação, que será retomada no parágrafo seguinte, novamente entre aspas, mas para sinalizar uma distância, um questionamento, uma crítica por parte do enunciador, que põe em questão o sentido atribuído a essa expressão pelo discurso outro, marcando, assim, um ponto de não-coincidência das palavras com elas mesmas, que reforça a polêmica entre os dois posicionamentos. Esse procedimento salienta uma não-coincidência interlocutiva.

(...) Há outro aspecto muito sério. Os atuais recursos diagnósticos permitem a identificação de centenas de alterações durante a vida fetal. Síndromes diversas podem ser diagnosticadas com relativa segurança. Então, depois do anencéfalo, qual será a próxima alteração fetal a justificar o aborto? Isso me traz à mente qualquer coisa de "pureza racial" enrustida. Saber da surdez, cegueira, agenesia de membros, retardo mental, intersexualidade, etc., não são situações capazes de causar sofrimento nas mães e pais, de "agredir a dignidade da pessoa humana"? Mas o mundo hoje tem se empenhado tanto na inclusão dos

portadores de necessidades especiais, então como estabelecer quais anomalias podem ou não ser mantidas durante a gestação?

Interessante destacar, ainda, os sentidos mobilizados pelas aspas em “pureza racial”. O enunciado está modalizado pela expressão qualquer coisa, o que parece ser uma forma de atenuar os efeitos negativos produzidos, já que a idéia de “pureza racial” remete ao discurso nazista e, conseqüentemente, a toda uma memória que mobiliza sentidos de extermínio, violência, preconceito que marcaram as práticas de seus adeptos. E essa aproximação, semelhança com o nazismo é apresentada pelo enunciador como enrustida, o que reforça a necessidade de ser combatida. Vê-se, portanto, que ao mobilizar certos sentidos e associá-los ao discurso pró-aborto, o enunciador, de certa forma, modifica esse discurso.

As análises dos textos, ainda que iniciais, chamam a atenção para o trabalho do sujeito sobre o discurso do outro, já que, conforme procuramos demonstrar, o posicionamento a partir do qual o sujeito enuncia determina o modo de presença desse discurso outro na construção da identidade discursiva. O sujeito joga com a presença do Outro/outro para construir uma imagem de si no discurso.

Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: Cadernos de estudos lingüísticos, Campinas, UNICAMP – IEL, n. 19, jul./dez., 1990.

_____. Palavras incertas – As não-coincidências do dizer. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

_____. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____ Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004a.

_____. Palavras mantidas a distância. In: _____ Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004b.

PÊCHEUX, M. A Análise do Discurso: três épocas. Tradução de Jonas de A. Romualdo. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, Editora da Unicamp, 1997. [1983]

[1] Docente do Departamento de Ciências Humanas e Letras da UESB, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. E-mail: carla.shine@gmail.com

[2] Na perspectiva teórica assumida por Authier-Revuz, o Outro refere-se ao inconsciente da teoria lacaniana, enquanto o outro corresponde ao interlocutor.